

O FENÔMENO DA AUTOMUTILAÇÃO NA ADOLESCÊNCIA CONTEMPORÂNEA THE PHENOMENON OF SELF-MUTILATION IN CONTEMPORARY ADOLESCENCE

Ritiele Bastos Cardoso¹, Rodrigo Luís Bispo Souza²

Resumo

O objetivo deste trabalho é buscar compreender o fenômeno da automutilação na adolescência como expressão do sofrimento psíquico em ato. A adolescência é caracterizada por alternâncias de movimentos progressivos e regressivos na busca da construção da identidade, a qual se apoia nas primeiras relações objetais internalizadas, nos vínculos e no suporte com a realidade externa, sustentada pelo ambiente familiar e social. A metodologia utilizada foi a construção de dois casos baseados em personagens da série *Thirteen Reasons Why* (Os treze porquês). Tal material foi trabalhado em articulação com o pensamento de autores psicanalíticos que abordam aspectos associados a problemática adolescente. Vivências de desamparo, dor melancólica, fragilidade egóica e feridas no narcisismo são aspectos evidenciados através dos relatos das personagens.

Palavras-chave: Automutilação. Adolescência contemporânea. Sofrimento psíquico.

Abstract

The objective of this work is to seek to understand the phenomenon of self-mutilation in adolescence as an expression of psychological suffering in action. Adolescence is characterized by alternating progressive and regressive movements in the search for the construction of identity, which is supported by the first internalized object relations, bonds and support with external reality, supported by the family and social environment. The methodology used was the construction of two cases based on characters from the series *Thirteen Reasons Why* (The thirteen whys). Such material was worked in conjunction with the thinking of psychoanalytic authors who address aspects associated with adolescent problems. Experiences of helplessness, melancholic pain, egoic fragility and wounds in narcissism are aspects evidenced through the characters' reports.

Keywords: Self-mutilation. Contemporary adolescence. Psychic suffering.

Recebido em 02/12/2020, aceito em 16/12/2020

¹ Acadêmica do curso de Psicologia na Faculdade IENH. riti@dapperimoveis.com.br

² Psicólogo. Docente do Curso de Psicologia da Faculdade IENH. rodrigo.s@ienh.com.br

Introdução

A presente monografia tem o intuito geral de tecer reflexões acerca do fenômeno da automutilação. Tal situação é entendida como um comportamento intencional, podendo acontecer de forma superficial, moderada ou profunda, sem intenção suicida consciente e envolvendo agressões diretas ao próprio corpo (CEDARO; NASCIMENTO, 2013). Os mesmos autores caracterizam a automutilação como comportamento repetitivo que tem como formas recorrentes o cortar da própria pele, queimar-se e/ou bater em si mesmo. De acordo com Klonsky (2009), a automutilação refere-se ao ato de mutilação de uma parte do corpo (tecido) que não visa direta e intencionalmente a morte e tem propósitos não validados socialmente.

Especificamente, esta proposta de trabalho volta seu foco para a automutilação na adolescência. Nesta, costumam manifestar-se diversas alterações de ordem física, mental e social, podendo se estender por um período curto ou se prolongar pela vida adulta (FORTES; MACEDO, 2017). De acordo com Levisky (2004):

A adolescência atual, vista sob a óptica histórica-psicanalítica, revela os lutos do corpo infantil, das imagos de si e dos pais da infância, pelas quais o jovem precisa passar para alcançar a identidade adulta. Processo que se passa num mundo globalizado, planetário e fragmentado, de transformações tecnológicas rápidas, geradoras de ansiedades e incertezas na organização do futuro de jovens que, plenos de esperanças e de coragem, se conflitam com medos e frustrações em relação a questões tão íntimas como, por exemplo, a definição dos vários vértices que compõem a identidade do adolescente.

Dessa forma, apresenta-se como objetivo geral desta pesquisa buscar compreender o fenômeno da automutilação na adolescência contemporânea, visando discutir tal problemática como expressão do sofrimento psíquico em ato.

As seções deste trabalho buscam apresentar como se deu o progresso de execução deste trabalho. A justificativa que será apresentada, tende a mostrar a importância que tal discussão assume e a sua relevância para o cenário da teoria psicológica atual. Seguindo nesta linha, apresenta-se a pergunta que foi norteadora de todo o processo de pesquisa e também da análise dos materiais que foram base para o trabalho.

Além disso, uma seção própria do trabalho apresenta breve revisão da literatura sobre a questão levantada. O embasamento teórico que sustenta toda a produção desta pesquisa advém de autores psicanalíticos e os desdobramentos contemporâneos desta perspectiva teórica.

No que se refere ao item metodologia, são apresentados os passos que foram dados nesta pesquisa para cumprir o objetivo proposto. Em se tratando de pesquisa de delineamento qualitativo, serão objetos de análise da pesquisa vídeos provenientes de uma série cinematográfica que trata do tema aqui pesquisado. Os critérios de análise também serão explicitados nesta seção.

Por fim, apresentam-se os resultados baseados na análise de caso de duas adolescentes, construídos a partir de duas personagens da série *Thirteen Reasons Why* (Os treze porquês). São apresentados trechos de cenas das personagens Hannah e Skye, em seguida relacionadas e discutidos com pensamentos de teóricos da psicanálise que sustentam as ideias defendidas neste trabalho: o ato como expressão de sofrimento.

Visto que a automutilação ainda é considerada como um "tabu" em nossa sociedade, percebeu-se à necessidade de abordar a presente temática. Guido (2018) salienta a necessidade de falarmos sobre as crises de automutilação, causadoras de tensão e sofrimento nos adolescentes, principalmente em jovens que têm dificuldades de lidar com grandes cargas emocionais em seu dia a dia. Marques (2019) pontua que, no Brasil, não existem dados específicos sobre os jovens que se automutilam, no entanto relata que nos consultórios e pátios de colégio há uma "sensação" de maior demanda sobre tais comportamentos.

Dados retirados do Boletim epidemiológico da Secretaria de Vigilância Sanitária do Ministério da Saúde (BRASIL, 2017) dão conta de que, se tratando de lesões autoprovocadas, foram registradas, no Sistema de Informações de Agravos (SINAN), no período entre 2011 e 2016, 1.173.418 casos de violência interpessoal ou autoprovocada, sendo que, desse total, 15% referiam-se, especificamente, a automutilação. O mesmo estudo destaca o aumento progressivo de casos de lesão autoprovocada entre os anos de 2011 e 2016 na ordem de 205,5% no sexo feminino e 194,7% no sexo masculino. Da mesma maneira, se tratando de automutilação na adolescência, dados extraoficiais indicam uma incidência de 20% dos jovens brasileiros apresentando algum tipo de mutilação, sendo esse número compatível com informações internacionais (MARQUES, 2019).

Estratégias para abordar este assunto são necessárias, assim como intervenções que busquem dar voz aos adolescentes que estão em sofrimento psíquico. A psicanálise, como pensada por Freud (2006), busca realizar um procedimento de investigação dos processos mentais, apresentando-se como um método de tratamento que, a partir de uma coleção de informações acerca da estruturação e do funcionamento do psiquismo, pode se constituir como um canal frutuoso para auxiliar no desabrochar do ato da fala ou na consideração do silêncio do adolescente que se mutila, visando desdobrar o que está por trás do ato de se mutilar. As contribuições freudianas se desdobram na necessidade de adentrar no singular e complexo campo de conflitivas no qual habita o adolescente, sempre visando compreender a singularidade do que expressa por meio de seus atos (MACEDO; WERLANG, 2010).

Considerando tal cenário, este trabalho justifica-se por buscar, através dos conhecimentos da psicanálise, uma via de compreensão para um fenômeno de incidência significativa nos dias atuais, o qual requer reflexão de todos aqueles que se dispõem a escutar o adolescente que padece.

Segundo Macedo et al. (2010, p. 153), “adolescência é um período do desenvolvimento humano marcado por intensas transformações. Tais transformações perpassam o corpo e o psíquico, gerando o conhecimento de um novo mundo.” Blos (1998, p. 10) segue nesta mesma linha caracterizando adolescência pelas “mudanças físicas e psicológicas, mudanças que se refletem em todas as facetas de comportamento”.

Neste cenário, é preciso diferenciar puberdade e adolescência. Santrock (2014, p. 49) refere que “a puberdade praticamente termina muito antes do fim da adolescência e é frequentemente considerada como o marcador mais importante do início dessa fase.” A puberdade é um período de rápida maturação física, envolvendo alterações hormonais e corporais que acontecem fundamentalmente na adolescência inicial. Ocorrem muitas transformações na puberdade, incluindo crescimento na altura, peso e desenvolvimento de todas as características sexuais do adulto, como maturação dos genitais e órgãos de reprodução (PAPALIA; OLDS, 2000).

A palavra puberdade dá origem a uma nova organização das pulsões do ego, reconhecemos, nesse processo, o modelo de desenvolvimento da primeira infância, no qual as organizações mentais se formaram em associação com as funções fisiológicas, estabelecendo dessa forma as zonas erógenas do corpo (BLOSS, 1998, p. 6).

Na compreensão de Almeida (2019), a vida adulta para os adolescentes é de certo modo intimidadora, pois faz com que o jovem experimente diversas sensações que despertam temor, sendo estas caracterizadas por conflitos internos, os quais ocorrem justamente pelo afastamento de sua condição de criança e pela vivência de uma série de transformações corporais psicológicas, as quais refletem diretamente na forma como ele percebe seu corpo, bem como na longa jornada em busca de sua identidade. Sendo assim, aquilo que se pode entender como luto, se dá em pelo menos três dimensões: a dimensão do luto pelo corpo infantil, pelo papel e identidade anteriormente vivenciado e pelos pais da infância (ABERATURY; KNOBEL, 1981).

Portanto, o lugar do outro configura o espaço onde o adolescente direciona seus significantes, sendo alguns deles os desejos e fantasias, medos e inseguranças. As suas convicções se modificam a cada interação com o outro, no qual muitas vezes tenta se encaixar ou pertencer em determinados grupos. Este processo segue de modificações e construções, e o seu diálogo também poderá ser afetado mediante a cultura. Os modos como o adolescente irá se posicionar atendendo as suas dificuldades, os enfrentamentos e as faltas, ou seja, suas atitudes, julgamentos e pensamentos serão afetados pelo olhar do outro, e isto poderá se desdobrar por intermédio da cultura (OLIVEIRA; HANKE, 2017).

Em contraponto, quando o sujeito contemporâneo elabora seus lutos, pode-se levantar importantes pensamentos do quanto a cultura muitas vezes dificulta ou ajuda nessa abordagem. O

adolescente pode acabar ficando preso a sua própria fragilidade e assim, encenando os seus próprios pedidos de socorro. Também pode-se pensar o quanto o sintoma social interfere para que este adolescente se torne uma pessoa fragilizada, por não conseguir lidar com as próprias elaborações de lutos que ocorrem durante a vida. “Neste contexto podemos pensar que a cultura contemporânea se oferece como um outro instável e incapaz de sustentar o sofrimento, o qual não hesita em comercializar ao sujeito uma solução imediata capaz de aplacar seu vazio” (AYUB; MACEDO, 2010, p. 116).

No que se refere a relação com o corpo, o mesmo está carregado de desejos, histórias e narrativas, sendo substituído por um outro corpo ainda indeterminado, que é parcialmente inventado. Por conta desses acontecimentos, o adolescente poderá desenvolver vários questionamentos, referem Aberastury e Knobel (1981, p. 66) que “as modificações em seu corpo levam-no [o adolescente] a estruturação de um novo ego corporal, a busca de identidade e ao cumprimento de novos papéis”. Importante salientar que a relação não está apenas com o corpo real, mas também com o corpo fantasiado, mesclando pensamentos concretos com fantasias infantis.

Este mesmo corpo pode apresentar-se como mecanismo de defesa frente às situações de intensa vivência emocional. Já Freud (1916) aborda que o sujeito agride a si mesmo, de forma inconsciente, como saída a uma relação de intensa ambivalência que não permite a satisfatória introjeção do objeto. Dessa forma, agredir a si mesmo é atacar uma parte do objeto internalizado.

Macedo, Azevedo e Castan (2010) relatam que as relações de amizade na adolescência passam a ser importantes na busca para alcançar o ideal de ego. Assim, alguns adolescentes buscam atender as expectativas de perfeição em relação aos amigos, tornando a relação intensa e, por vezes, conflituosa. Os amigos se completam e são cúmplices, e não raro, é possível encontrar o efeito de contágio no que se refere a automutilação, como se fosse um ritual de entrada (CENTRO DE VALORIZAÇÃO DA VIDA, 2017).

Junto a esta realidade, Cedaro e Nascimento (2013, p. 205) afirmam que os adolescentes, nesta condição, podem acabar se “envolvendo no uso de drogas, intrigas escolares, isolamento social, crises familiares e as primeiras decepções amorosas.”

Esses processos de disjunções, de estados de estranhamento, de indisposições, de despersonalização, estão presentes, muito frequentemente, nos relatos dos adolescentes. Muitos sentem que estão com um corpo que não lhes pertence, que não lhes cabe, que não o reconhecem, que devia ser maior ou menor, que está em descompasso com a experiência discursiva, libidinal, que lhe seria incompatível (MACEDO; GOBBI; WASCHBURGER, 2010). Por fim, Macedo,

Gobbi e Waschburger (2010) também entendem que, sem o uso da medicação, o que pode realmente ajudar um automutilador é autorizá-lo a falar, a expressar-se.

Metodologia

O presente trabalho trata-se de uma de pesquisa de viés qualitativo, descritivo e não-naturalístico. Na conceituação de Denzin e Lincoln (2006, p. 17):

A pesquisa qualitativa é uma atividade situada que localiza o observador no mundo. Consiste em um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo. Essas práticas transformam o mundo em uma série de representações, incluindo as notas de campo, as entrevistas, as conversas, as fotografias, as gravações e os lembretes. Nesse nível, a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem naturalista, interpretativa, para mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender, ou interpretar, os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem.

A lógica da construção metodológica desta pesquisa partiu da intenção de descrever duas personagens de uma série ficção cinematográfica, fazendo-as constituir dois casos de análise. Sendo assim, esta pesquisa traz aspectos do que se apresentam em um estudo de caso, tais como os descritos por Yin (2010, apud Andrade et al., 2017, p. 2):

Investiga fenômenos contemporâneos dentro de um contexto de vida real, utilizado especialmente quando os limites entre o fenômeno e contexto são pouco evidentes. Atribui-lhe o objetivo de explorar, descrever e explicar o evento ou fornecer uma compreensão profunda do fenômeno.

Os dados foram coletados a partir de materiais audiovisuais. Flick (2009) comenta que os filmes se tornaram importantes objetos de pesquisa, sendo utilizados em pesquisas específicas e apresentando-se como valiosos produtores de dados. Além disso, tal tipo de material traz como vantagem ser um método conveniente de coleta e trata-se de forma criativa de abordar a problemática (CRESWELL, 2010).

A fonte da coleta foi a primeira e segunda temporada da série cinematográfica intitulada *Thirteen Reasons Why* (tradução em português - Os treze porquês), de Jay Ascher. Ressalta-se que as cenas foram escolhidas por conveniência, a partir de critérios que envolvem: conflitos da adolescência, automutilação e expressão de sofrimento psicológico. Os passos para a coleta foram baseados nas indicações de Flick (2009), o qual sugere quatro etapas:

1) Assistir e sentir: Os filmes são considerados como um todo, anotando-se as impressões, as questões e os padrões de significados que forem visíveis. 2) Qual é a sua questão de pesquisa que se impõe? Formulam-se as perguntas que devem ser buscadas no material. Para isso anotam-se as cenas-chave. 3) Produzem-se microanálises estruturadas de cenas e de sequências individuais, que devem levar a descrições e a padrões detalhados na exposição (de conflitos, etc.). 4) Ao responder a questão de pesquisa, buscam-se padrões em todo o filme. Ou melhor, a busca de padrões estende-se ao filme inteiro para responder à questão de

pesquisa. Leituras realistas e subversivas do filme são contrastadas, e uma interpretação final é redigida.

Partindo do entendimento de Flick (2009, p. 276), quando afirma que “a interpretação de dados é a essência da pesquisa qualitativa, embora sua importância seja vista de forma diferenciada nas diversas abordagens”, a análise dos dados coletados foi feita a partir de duas etapas paralelas: articulação das cenas escolhidas para a construção dos casos; análise dos casos e vinculação com aspectos da perspectiva teórica escolhida. Ou seja, o material obtido foi refletido levando em consideração as questões pertinentes à pergunta de pesquisa formulada para este projeto. Conforme destacam Moreira, Yoshiko e Angelo (2005, p. 720):

Para o uso de filmagem nas pesquisas qualitativas, portanto, pode-se fazer necessário o pesquisador desenvolver habilidades para apreender e decodificar os sinais não-verbais, baseando-se em referencial teórico adequado para a compreensão dos aspectos não-verbais que envolvem as interações humanas. Ressalta-se que, na filmagem, o verbal e o não-verbal devem ser analisados como partes de um único fenômeno.

Resultados e discussão

Caso Hannah Baker

Hannah Baker, adolescente de dezessete anos, solteira, trabalha meio turno no cinema da cidade de Vallego, mora com os pais Olivia e Andy Baker. A família se mudou há pouco tempo para cidade na qual os pais abriram uma farmácia e enfrentavam uma situação financeira complicada. Hannah começou o primeiro ano na escola *Liberty High School*.

No que se refere a socialização, Hannah formou com outros dois adolescentes um trio de amigos (Hannah, Jessica e Alex) que se tornaram muito próximos. Porém, passado algum tempo, houve progressivo distanciamento em função do envolvimento amoroso entre Jéssica e Alex. Diante desta situação, o relato de Hanna foi de ter sido abandonada por eles.

Em determinado momento, formou-se um triângulo amoroso onde, aparentemente, Alex pareceu utilizar-se de um envolvimento com Hannah para despertar sentimentos de ciúmes na namorada, o que abala significativamente a relação entre as duas meninas.

Acerca do relacionamento familiar, os pais acreditavam que era necessário Hannah saber conduzir sua própria vida e pareciam tentar educar a filha desta forma. Apesar de estarem passando por momentos difíceis, demonstravam ser amorosos, tentavam ser participativos e buscavam apoiar os sonhos de sua filha. Todavia, com a mudança de cidade, novas ocupações e o aparecimento de altos gastos para o novo estilo de vida pareciam gerar certo distanciamento entre o grupo familiar.

Diante das dificuldades financeiras da família, a adolescente ocultava os problemas que estavam ocorrendo no seu meio social e consigo. Estava passando por momentos difíceis, mas demonstrava acreditar que seu sofrimento era menos importante que os problemas da família. Para não preocupá-los, se calou, porém na medida que os dias foram passando, tudo se tornava cada vez mais confuso para a personagem e a sua aflição interna só aumentava. Não compartilhava com ninguém suas angústias e tudo foi ficando cada dia mais embaraçado em sua cabeça, uma vez que não achava uma solução para sua profunda dor.

Hannah, com medo de ser julgada, acabou se fechando, e como última tentativa, buscou ajuda com alguém totalmente de fora do seu círculo de convivência: o conselheiro de sua escola. Ela imaginava que poderia compreender ou tentar buscar respostas para suas questões internas, porém quando tentou falar o que se passava, sentiu que não estava sendo acolhida e então se recuou novamente e, a partir daquele exato momento, já tinha decidido que não havia mais nada a se fazer e que a morte seria a solução para seus problemas.

Caso Skye

Skye Miller, adolescente de dezoito anos, trabalhava como garçonne de um restaurante da cidade e também era aluna da *Liberty High School*. Aparece ter poucos amigos, não falar muito, levando sobre si o rótulo de “estranha” na escola. É “excluída” por ter tatuagens e se vestir de forma diferente dos demais, mas também parece procurar isolar-se do convívio com os colegas, por demonstrar atitudes sem afeto. A jovem mantém um relacionamento amoroso com outro adolescente chamado Clay, o qual foi amigo de infância, mas que demonstra, mesmo após a morte de Hannah, ainda ser apaixonado por ela. Tal situação faz com que a relação se torne turbulenta com brigas e término. Além disso, Skye apresenta comportamentos automutilatórios como cortes nos braços e nas coxas, situações que levaram a internações hospitalares.

Automutilações: o ato como expressão de sofrimento

Partindo da breve síntese das histórias-caso das personagens Hannah e Skye, levando em conta que cada uma apresenta as suas particularidades, pretende-se construir um percurso de pensamento que responda aos objetivos do presente estudo. Desta forma, a análise destes casos, dentro do enredo da série, visa compreender os caminhos que podem ter como consequência a instauração de comportamentos automutilatórios, sendo tratados aqui como expressões do sofrimento psíquico destas adolescentes.

Partindo do ponto comum dos dois casos, surge o uso do corpo como mensageiro de algo que não encontra na palavra a via de expressão. De acordo com Macedo, Gobi e Waschburger (2009, p. 93), a adolescência traz a “necessidade e, até mesmo, a imposição de um trabalho

psíquico diante das novas aquisições, podendo eleger o corpo [...] como território de expressão dessas demandas”. As autoras trazem a hipótese, similar à do presente estudo, de que “as marcas corporais expressam as (im)possibilidades de simbolização desses conflitos” (p. 93).

Macedo, Gobbi e Waschburger (2010, p. 136) ressaltam que:

No corpo, o excesso encontra formas descargas, mas não necessariamente formas de elaboração. Na tentativa de evitar se deparar com a própria dor psíquica, utiliza condutas que chocam, atemorizam e paralisa, deixando a cargo do outro o que evita reconhecer ou tem dificuldade de elaborar em si mesmo.

Também é importante perceber o lugar que tais adolescentes foram assumindo no contexto social em que estavam inseridos. A adolescência traz a busca pela identificação com grupos em diferentes ambientes. Macedo, Azevedo e Castan (2010, p. 28) comentam que:

O papel do amigo nesta etapa da vida, do grupo, assume grande importância, já que em nome dele o adolescente comporta-se de maneira que sozinho jamais o faria [...]. O grupo lhes faz sentir mais forte, há uma cumplicidade que permite realizar atos que não seriam possíveis de outra forma.

A importância do grupo social funciona como espelho, no qual o adolescente se vê refletido no outro e percebe nesse suas próprias divergências. Assim, sente-se seguro e forma sua identidade (VERZIGNASSE; TÉRZIS, 2008). Neste mesmo pensamento, Aberastury e Knobel (1981) conceituam que o adolescente encontra no grupo a contribuição necessária para os aspectos mutáveis do ego que se geram nesta fase da vida. Percebe-se que “a característica mais marcante dos grupos de adolescentes contemporâneos é o fato de se constituírem em torno de um laço fraterno socializante, seja para lutar contra o tédio cotidiano, seja para expressar um determinado ideário” (COUTINHO, 2005, p. 6).

Hannah procurava se encaixar em algum grupo, buscava nas relações com os seus colegas alguém que pudesse compartilhar suas angústias, alguém para confiar. Após tentar formar vínculos diversas vezes, pareceu ir perdendo a esperança e ficando cada vez mais só. Algumas frases da jovem ao longo das cenas são ilustrativas desta problemática que, em alguns momentos, foi verbalizada.

- Alguns de vocês se importam. Nenhum de vocês se importou o suficiente, nem eu (T:1 E:13 “Fita 7, Lado A”).
- Foi uma amizade chocolate quente: boa para os meses frios, mas não perfeita para todas as estações (T:1 E:2 “Fita 1, Lado B”).
- Meu coração e minha mente ainda estavam com um grande vazio (T:1 E:12 “Fita 6, Lado B”).
- E quando eu olhei para trás... e finalmente entendi como tudo aconteceu... decidi que ninguém nunca mais me machucaria (T:1 E:12 “Fita 6, Lado B”).

Pode-se apreender destas falas que o abalo psíquico carregado por Hannah acabou criando uma certa barreira de aproximação com as pessoas. As situações as quais foi exposta

continuamente foram gerando insegurança e uma imagem negativa de si mesma. A jovem demonstrava comportamentos e expressões que denotavam tristeza, isolamento e/ou dificuldades de inserção social que demonstram relação direta com múltiplas rejeições sofridas, julgamentos, agressões físicas (Jessica), verbais (Zack e outros), sociais (Tyler e Ryan) e sexuais (Justin e Bryce) por figuras que foram sendo objetos importantes de investimento, como pode ser percebido na descrição/exemplo a seguir:

Hannah logo demonstrou gostar de Justin Foley desde sua entrada na escola nova. Os dois se conheceram na primeira festa que Hannah estava fazendo para ter contato com os outros adolescentes da escola. Logo na primeira vez que o viu já demonstrou gostar dele, tentando posteriormente construir estratégias para esbarrar com ele na escola. Certo dia marcaram um encontro na pracinha da cidade e acabaram se beijando. Nesse mesmo dia Justin fotografou Hannah descendo do escorregador de saia para ver sua roupa íntima; no dia seguinte, acaba mostrando a fotografia para Bryce e outros amigos da escola. Bryce pega o telefone e envia a foto para todos da escola, causando rumores em pouco tempo de que Hannah é uma “vadia” (T1: E1 “Fita 1, Lado A”).

Neste relato, pode-se pensar sobre desenvolvimento da sexualidade do adolescente. Levisky (2004, p. 12) retrata “o surgimento da capacidade reprodutora ao lado de uma série de transformações biopsicossociais, que sofrem com as interferências da sociedade, da cultura, da história”. O adolescente, nesse processo de transformações, enfrenta inúmeras sensações de forma intensa. Todas essas questões trazem um certo estranhamento e sensação de impotência diante de seu próprio (RIBAS, 2013). Além disso, é um período que faz intermediação entre a infância e a fase adulta, conforme Macedo, Dockhom e Lensen (2010, p. 92), especificam:

A genitalidade, como fim sexual saudável, somente é possível a partir das “transformações da puberdade”, através das quais a sexualidade deixa de ser parcial e autoerótica e pode ter um novo objetivo e um novo objeto sexual. Nesta perspectiva, a genitalidade é considerada uma conquista que só é possível a posteriori, isto é, a partir de um intenso trabalho de ressignificações em relação ao patrimônio da sexualidade infantil.

A adolescência, no dizer de Rosa (2009, p. 321), é caracterizada como uma fase vivida por um sujeito “impulsivo, hipersensível, suscetível, emotivo, impaciente e está em constante desequilíbrio”. Tais características podem ser super exitadas com a vivência da quebra da confiança e da exposição do privado para o público, como vivenciado por Hannah.

Os desafios do mundo interno conjugados com a não contenção do ambiente, podem gerar sensações de constante fragilidade psíquica que, de acordo com Rosa (2009), podem vir a acarretar em uma maior vulnerabilidade para condutas de risco. Nesse sentido, pode-se pensar o quanto os comportamentos de Skye expressavam um padecimento, um sofrer diante do intenso trabalho de elaboração que a adolescência exige:

Skye e Clay são namorados. Juntamente com Clay, ela foi a um estúdio de tatuagem em sua motocicleta onde os dois fizeram tatuagens. Mais tarde, eles tentaram fazer sexo. No entanto, Clay notou cortes em seu corpo. Então perguntou a ela. “O que é isso?”. Skye então responde: “Não é nada”. Clay fala: “Espere, são cortes. Você se corta lá embaixo?”. Então ela responde: “Fiz isso há muito tempo”. Clay diz: “Mas são recentes. Você deveria me ligar só de pensar nisso. Cadê seus elásticos? Está fazendo meditação?”. Skye fala: “Meditação é a porra mais chata desse mundo”. Clay: “Então vamos dar uma volta para espalhar, cacete, é sério, Skye. Farei o que for preciso, escrever de hora em hora”. Então Skye finaliza: “Está bem. Eu sinto muito. Prometo que vou ligar”. Skye leva Clay embora, pois já era tarde.

Ainda nesse sentido:

No dia seguinte, Clay e Skye se encontraram novamente. Eles tentaram fazer sexo pela segunda vez, mas desta vez Clay começou a ver Hannah em vez de Skye. Quando viu a imagem de Hannah e Skye gritou: “Mas que porra é essa?”. Saiu de perto de Skye e disse: “Não posso”. Skye perguntou: “Qual seu problema Clay, disse que me amava.” Clay disse: “Eu amo. Nossa eu amo.” Skye triste e envergonhada se tampando com a coberta: “Não quer me tocar. Não quer estar comigo”. Ele fala: “Não, eu quero, eu só... não posso fazer isso hoje. Então novamente se despedem e ele vai embora (T:2 E:1).

O trecho acima apresentado traz à tona uma tríade de problemáticas que Skye tem de enfrentar e que estão em consonância com os desafios trazidos pela adolescência: a vivência do desamparo, a relação consigo mesma através do corpo e a luta contra o ideal.

O desamparo é constituinte do sujeito, sensação de incompletude que ameaça-o por toda a vida (FREUD, 1930). Não sendo “apenas” a sensação de exclusão da triangulação edípica (o que já impõe grande trabalho psíquico), mas a sensação de não ter uma identidade fora da relação com o outro. Dessa forma o desamparo é vivenciado como a impossibilidade de constituir-se sem o outro. Esta relação com o objeto está pautada “na dependência em relação a outras pessoas, e pode ser mais bem designado como medo da perda de amor” (p. 78). Castro e Timmen (2009), afirmam a importância desses “movimentos progressivos e regressivos na busca da construção da identidade, a qual se apoia nas primeiras relações objetais, nos vínculos e no suporte com a realidade externa, sustentada pelo ambiente familiar e social” (p. 175).

As vivências de Hannah e Skye parecem direcionar para estados além da vivência de crise normativa do desenvolvimento na adolescência. Tal situação sugere a presença de características melancólicas que, conforme Jerusalinsk (2017), se dá pela falta ou excesso do objeto. O desamparo pela falta do objeto se manifesta no adolescente pela busca de algo e/ou alguém que dê conta desse lugar do objeto. O excesso, da mesma forma, se apresenta pela ininterrupta e intensa presença do objeto. Macedo, Fensterseifer e Werlang (2010, p. 63) pensam que “o vazio e a ausência de alternativas precisam ser experimentados na medida para que se possa caminhar para maturidade”.

De acordo com Lacan (1957, p. 55):

Esta falta do objeto, devemos concebê-la em seus diferentes escalões no sujeito no nível da cadeia simbólica, que lhe escapa, tanto em seu começo com o no seu fim no nível da frustração, onde ele está, com efeito, instalado num vivido pensável por si mesmo mas igualmente esta falta, devemos considerá-la no real, pois quando falamos aqui em privação, não se trata uma privação experimentada.

Muitos adolescentes, quando experimentam o fracasso, sentem uma angústia insuportável, passando ao ato, ou seja, cometendo crimes, violência e/ou agressões ao próprio corpo. Há, também, a situação em que os pais não deixam que os filhos se responsabilizem pelas suas atitudes, fazendo com que o mesmo cresça em uma realidade em que suas atitudes não gerem consequências.

Há situações em que Skye, no início da série, demonstra empregar certa defesa em se aproximar das pessoas, quando se sentia em perigo, com medo ou nervosa diante de alguma situação. Porém, quando começou o namoro com Clay (já na segunda temporada), percebe-se que vê nele uma certa vontade de a oportunidade de se aproximar novamente do convívio social. É como se algo faltasse na personagem e a mesma projetasse no relacionamento. De acordo com Freud (1930, p. 44):

Capacitar para a defesa contra sensações de desprazer que realmente sentimos ou pelas quais somos ameaçados. A fim de desviar certas excitações desagradáveis que surgem do interior, o ego não pode utilizar senão os métodos que utiliza contra o desprazer oriundo do exterior, e este é o ponto de partida de importantes distúrbios patológicos. Desse modo, então, o ego se separa do mundo externo. Ou, numa expressão mais correta, originalmente o ego inclui tudo; posteriormente, separa, de si mesmo, um mundo externo. Nosso presente sentimento do ego não passa, portanto, de apenas um mirrado resíduo de um sentimento muito mais inclusivo - na verdade, totalmente abrangente -, que corresponde a um vínculo mais íntimo entre o ego e o mundo que o cerca.

Ao analisarmos as diferentes formas de expressão da dor psíquica no mundo contemporâneo, percebe-se a tentativa de negação de admitir experiências ruins do dia a dia tanto para si mesmo, como para os outros. Alguns adolescentes preferem o isolamento. Como nos dizem Azevedo, Castan e Macedo (2010), esse processo poderia ser uma tentativa do adolescente lidar com o tempo do objeto.

Hannah está sozinha em casa, já demonstra um certo afastamento com seus pais, pois estão lucrando pouco na farmácia e para não preocupá-los resolve não falar sobre seus problemas. (T:1 E:13 “Fita 7, Lado A”).

De acordo com Fensterseifer, Macedo e Werlang (2010), “o turbilhão emocional característico desta etapa da vida traduz o sentimento de vazio, de desorientação, de perda de rumo, de incerteza e de temor frente ao desconhecido” (p. 62). Hannah e Skye demonstram sofrimento, tristeza e angústia em algumas situações, no entanto a ausência de uma via de expressão para aquilo que é vivido internamente faz o do sintoma corporal a forma principal de aliviar a dor.

As relações que se estabeleciam com Hannah pareciam ser baseadas na busca de algo em benefício próprio por aqueles que dela se aproximavam. Quando conseguiam o que queriam encerravam a amizade rompendo os laços afetivos de maneira dolorosa para Hannah.

A atitude de Hannah, ao deixar as fitas detalhando o comportamento de cada pessoa que de alguma forma influenciou nas razões dela cometer o suicídio, colocando-os como responsáveis, pode ser considerado como um ato sádico. Foi a maneira que encontrou para sentir-se aprovada e reconhecida diante do grupo, pois não teve a possibilidade de realizar seu desejo por outros meios, o que seria possível caso fosse percebida e ajudada. Sendo assim, o seu percurso não seria destrutivo, talvez. Conforme a cena/ato transcrita de Hannah:

Hannah subiu as escadas da casa dela, colocou roupas velhas, abriu a torneira da banheira deixou ligada até encher, foi para frente do espelho, retirou as lâminas da caixa que comprou da loja dos pais dela naquela manhã. Olhou para as lâminas, e se olhou no espelho alguns segundos, ela entrou na banheira vestida, colocou cada braço apoiado na borda da banheira, e então se inclinou com a mão direita primeira cortou os pulsos do punho do braço esquerdo, com sua respiração profunda, trocou a mão e fez a mesma coisa, colocou os braços para baixo da água e encostou sua cabeça no encosto da banheira e sangrou até morrer (T:1 E:13 “Fita 7, Lado A”).

A dor de Hannah de tantas vezes tentar aproximação com alguma pessoa e suas inúmeras decepções parecem ir de encontro com vivências anteriores que não encontraram destino e, de forma imperativa, retornam e atormentam. A força desse retorno pulsional encontra nas situações presentes gatilho para sua busca de satisfação, entretanto a falha ambiental reimprime a frustração e as consequentes feridas para o ego. Com isso, torna seu ego enfraquecido (e por que não, cindido), e a desesperança sensação presente.

Freud (1923, p. 36) afirma “quando o ego se encontra num perigo real excessivo, que se acredita incapaz de superar por suas próprias forças, vê-se obrigado a tirar a mesma conclusão. Ele se vê desertado por todas as forças protetoras e se deixa morrer”. Para Macedo et al. (2010, p. 166), “as mudanças físicas e psíquicas geram uma exacerbação pulsional correspondente a uma fragilidade dos recursos do ego”. A personagem manifesta em seus comportamentos um certo recuo dos seus sentimentos reprimido.

Também é necessário levarmos em consideração agressividade que o sujeito lida contra o objeto voltado para si. Esse envolvimento pode vir a ser uma experiência perigosa (FREUD, 1923). O sujeito, em muitas situações, acaba fugindo desse sentimento de irrealidade, algo caracterizado como um vazio, ou seja, onipresença de objetos ameaçadores (LEVINZON, 2018).

De acordo com Freud (1923, p. 16 e 17):

O próprio corpo de uma pessoa e acima de tudo, a sua superfície, constitui um lugar de onde podem originar-se sensações tanto externas quanto internas. Ele é

visto como qualquer outro objeto, mas, ao tato, produz duas espécies de sensações, uma das quais pode ser equivalente a uma percepção interna. A psicofisiologia examinou plenamente a maneira pela qual o próprio corpo de uma pessoa chega à sua posição especial entre outros objetos no mundo da percepção. Também a dor parece desempenhar um papel no processo, e a maneira pela qual obtemos novo conhecimento de nossos órgãos durante as doenças dolorosas constitui talvez um modelo da maneira pela qual em geral chegamos à ideia de nosso corpo. O ego é, primeiro e acima de tudo, um ego corporal; não é simplesmente uma entidade.

Por fim, a personagem Hannah resolve pedir ajuda para o conselheiro da escola, Sr. Porter, visto que já não aguentava sozinha todas as intensidades afetivas:

Naquele dia estava terminando a fita 12, porém sentiu que antes de terminar os treze motivos que a levariam a se suicidar, queria dar a última chance para sua vida. Então foi à escola conversar com o conselheiro, onde contou que nada mais fazia sentido, que gostaria que as pessoas e a vida parassem. Estava muito triste, procurando respostas chorando muito, tentou contar sobre o estupro, não deu nome, porém foi dando indícios sobre a noite do estupro. O conselheiro Potter pediu a Hannah para tentar seguir em frente em sua vida. Ela encerrou a conversa, disse que tinha entendido e que precisava superar. Ela saiu do escritório, esperou que fosse atrás dela. Mas ele não foi (T:1 E:13 “Fita:13, Lado A”).

Quando Hannah dirigiu-se ao conselheiro, esperava que o mesmo ficasse ao seu lado, que compreendesse os sentimentos e que ajudasse de alguma maneira a superar toda situação vivenciada pela personagem, conforme lido no detalhamento da cena na qual a personagem demonstra angústia.

Nesse sentido, percebe-se que seria necessário o conselheiro acolher a personagem, permitindo que a personagem pudesse trazer à tona suas angústias, estas que precisavam ser levadas em consideração e serem transformadas em fala, pois, caso contrário, acaba aparecendo no sintoma (raiva, medo e culpa).

Segundo Freud (1925, p. 141), “a negativa constitui um modo de tomar conhecimento do que está reprimido”. Dessa maneira, caso o sujeito diga o que lhe vem à mente sem pensar, algo espontâneo, sem se dar conta, o conteúdo de uma imagem ou ideia poderia acabar abrindo caminho até consciência, revelando a condição que era negada. Assim, a negativa poderia nos indicar que há algo velado e que não está conseguindo ser dito.

A história de Hannah Baker ilustra a afirmativa freudiana a respeito da dor psíquica e de seus efeitos destrutivos. Freud (1905, p. 302) ao escrever tratamento expressa:

É em geral verdadeiro que ao formarmos um julgamento das dores (que são normalmente consideradas fenômenos físicos) devemos ter em mente sua inequívoca dependência em relação a determinantes mentais. Os leigos que gostam de rotular influências mentais desta espécie como (imaginação), inclinam-se a demonstrar pouco respeito por dores vias a imaginação em

contraste por ferimentos, doença ou inflamação. Mas isto claramente injusto. Como quer que as dores sejam causadas - mesmo pela imaginação - elas próprias não são menos reais nem menos violentas por isso.

A partir do que foi exposto, Hannah e Skye experimentam o fracasso, e nota-se uma angústia insustentável, passando ao ato, ou seja, apresentando violência para si e/ou agressividade ao próprio corpo. O sofrimento psíquico pode ser compartilhado com o outro, o qual poderá oferecer um espaço de escuta, conseqüentemente se a dor não for falada para ninguém, ela se mantém no próprio sujeito e poderá ser revertida para o corpo (CASTRO; TIMMEN, 2009). Assim como a personagem Skye acabava fazendo consigo mesma.

Em um diálogo entre Clay e Skye em que recordam de Hannah, Skye diz: “O que ela fez foi burrice. Ela não passou por nada diferente do que nós passamos. Todos superamos.” Clay então responde: “É mesmo? Então o que é isso?” e revela o braço automutilado da personagem. E ela: “É o que

Nos estudos de Freud a respeito da segunda teoria do dualismo pulsional, pulsão de vida x pulsão de morte, ambas energias não estariam somente no corpo e nem só no psiquismo, mas entre os dois e teriam como fonte o ID. A pulsão de vida seria representada pelas ligações amorosas que estabelecemos com o mundo, ou seja, com outras pessoas e com nós mesmos.

A partir das reconstruções da teoria da pulsão, Freud vai dizer que o sujeito, ainda que o esteja num estado de profunda dor, encontra uma satisfação sádica no sofrimento. Ele coloca o supereu como a ameaça que exerce o sadismo sobre o eu (1920, p. 37):

A concepção de que o masoquismo, o instinto componente complementar ao sadismo, deve ser encarado como um sadismo que se voltou para o próprio ego do sujeito. Mas, em princípio, não existe diferença entre um instinto voltar-se do objeto para o ego ou do ego para um objeto, que é o novo ponto que se acha em discussão atualmente. O masoquismo, a volta do instinto para o próprio ego do sujeito, constituiria, nesse caso, um retorno a uma fase anterior da história do instinto, uma regressão. A descrição anteriormente fornecida do masoquismo exige uma emenda por ter sido ampla demais sob um aspecto: pode haver um masoquismo primário, possibilidade que naquela época contestei.

Skye retrata sua automutilação como uma forma de passar pelas vivências intensas pelas quais ela acredita que a maioria dos adolescentes passa. Trata-se da descarga direta de uma tensão insuportável na ordem do corpo, na medida em que não se encontrou uma via possível para que a dor pudesse ser traduzida em palavras. Ela acaba agredindo o próprio corpo e, conforme percebido em sua fala, não necessariamente querendo terminar com sua vida, mas sim tentando aliviar uma dor emocional ou uma frustração. Bronstein (2009, p. 12) retrata que “ódio e culpa põem em movimento o ciclo sadomasoquista do qual não conseguem se libertar. Nessas ocasiões a ideia de suicídio parece oferecer imenso alívio”. Outro aspecto notável nas situações vivenciadas por Skye

é o fato de a personagem não fazer qualquer menção a dor que sente em se cortar, ao contrário, relaciona o ato a um um tranquilizante, o que não se consegue expressar através da palavra, ou seja, não consegue nomear esses sentimentos.

Clay e Skye estão namorando, mas o adolescente ainda se sente conectado à Hannah. Em um jantar no qual Skye é apresentada como namorada de Clay, Skye se sente chateada pelos pais de Clay não saberem sobre o relacionamento dos dois. Logo após o jantar, foram para quarto e em um momento íntimo dos dois, Clay não estava conseguindo se concentrar, pois vinham imagens em sua mente de Hannah. Skye percebeu que havia algo diferente acontecendo e sentiu-se insegura em relação ao seu corpo. Acabaram brigando, pois sentiu-se trocada por outra pessoa. Nervosa, saiu correndo da casa de Clay e por conta dessa briga, Skye volta a se cortar profundamente, o que leva ser internada no hospital (T:2 E:2).

Percebe-se, na trama vivenciada por Skye, incertezas que se manifestam em questionamentos com relação ao seu corpo, a imagem de si mesma, os sentimentos de Clay. Na mesma cena, utiliza-se as seguintes falas na discussão:

Skye diz: “Você tem vergonha de mim. Porque seus pais não sabiam sobre mim? Não tem a ver com minha aparência, ou que eu tenha tatuagens e piercings e corte por toda parte?”. Então Clay responde: “Eu não me importo com essas coisas”. Foi nesse exato momento que a personagem Skye se sentiu desamparada e disse: “Você não importa, é claro” (T:2 E:2).

Segundo Freud (1916, p. 143), “os traços mentais distintivos da melancolia são um desânimo profundamente penoso, a cessação de interesse pelo mundo externo, a perda da capacidade de amar, a inibição de toda e qualquer atividade”. Freud (1915) exemplifica que sentimentos que guardamos internamente, muitas vezes em nossa rotina, cometemos alguns atos falhos e desta maneira, temos como rever esses atos, na memória (pré-consciência), assim podendo ajudar a realizar a leitura do que está reprimido em si.

Lacan (1963, p. 33) descreve o objeto *a* como supereu no Seminário da angústia:

O Outro concerne a meu desejo na medida do que lhe falta e de que ele não sabe. É no nível do que lhe falta e do qual ele não sabe que sou implicado da maneira mais pregnante, porque, para mim, não há outro desvio para descobrir o que me falta como objeto de meu desejo. É por isso que, para mim, não só não há acesso a meu desejo, como sequer há uma sustentação possível de meu desejo que tenha referência a um objeto qualquer, a não ser acoplando-o, atando-o a isto, que expressa a dependência necessária do sujeito em relação ao Outro como tal.

A libido do objeto de Skye, poderia estar voltada para pessoa que amava, Clay, entretanto, o mesmo não correspondia da mesma maneira que ela desejava, gerando a sensação de falha do objeto diante de suas necessidades, colocando em cheque a própria noção de si e integração do ego, encontrado em si um imenso vazio e frustração de perda, de não conseguir manter o

relacionamento. Freud (1916) diria que este tipo de desprezo quanto a si próprio, ocupa um lugar melancólico, uma diminuição de autoestima, um empobrecimento de seu ego.

Freud (1915, p. 148) diz que “a autotortura na melancolia, sem dúvida agradável, significa, do mesmo modo que o fenômeno correspondente na neurose obsessiva, uma satisfação das tendências do sadismo e do ódio relacionadas a um objeto, que retornaram ao próprio eu do indivíduo nas formas que vimos examinando”. O autor também dizia que na “melancolia, a relação com o objeto não é simples; ela é complicada pelo conflito devido a uma ambivalência” (p. 151).

Fica mais evidente quando Skye termina o relacionamento e pede para que ele resolva suas questões internas sozinho, enquanto ela tentará fazer o mesmo. No seu diálogo no hospital, consegue-se compreender um pouco mais sobre automutilação e o que ela sente a se cortar.

Skye: “Eu disse isso e você não entende”. “Então me ajude”, ele responde. “Eu não posso, porque eu também não entendo”, ela rebate. “É como se eu tivesse esses sentimentos e não conseguisse controlá-los, e fosse uma visitante na minha própria mente. E se eu não recuperar o fôlego, vou me queimar e explodir. E eu sei que você quer me salvar disso, e te amo por isso, mas você não pode” (T:2 E:3).

Os adolescentes que se mutilam, fazem isso por as vezes não saberem lidar com emoções fortes, ou seja, pressões externas e problemas de relacionamento. Essas ações seriam uma maneira de administrar sentimentos pela via da atuação, em vez de expressá-las verbalmente, pois o outro a ser destruído, pelo ato agressivo, estaria internalizado. Se cortar, muitas vezes, seria uma forma de amenizar a angústia, gerando simultaneamente dor e prazer.

Pode-se observar no trecho acima da personagem Skye, que existia um sentimento ruim dentro dela, que nem ela mesmo conseguia explicar, mas era algo que gostaria de se livrar, de tirar de dentro de si essa dor que matava ela aos poucos, e se mutilando estaria dando um certo alívio momentâneo. Macedo, Gobi e Waschburger (2009, p. 97) dizem que “Na tentativa de evitar se deparar com a própria dor psíquica, utiliza-se de condutas cujo excesso choca, atemoriza e paralisa, deixando ao encargo do outro o que evita reconhecer ou tem dificuldade de elaborar em si mesmo”. Os mesmos autores trazem a ideia que o adolescente “se vê diante da exigência de processar psiquicamente um excesso que ora o invade desde fora e ora o ataca desde dentro”.

O uso excessivo de tais recursos não verbais, como o ato de se mutilar, pode ser compreendido como um *acting out* ou como uma passagem ao ato do sujeito, que objetiva aliviar a angústia insuportável. Castro e Timmen (2009, p. 183) compreendem que *acting* pode ser entendido como forma de “expressões de ansiedade ou conflitos inconscientes através de comportamentos, geralmente impulsivo, sobre forma auto ou heteroagressiva”. Ou seja, as adolescentes Hannah e Skye demonstram em suas cenas exatamente esses conflitos de não

conseguirem elaborar seus fracassos, nem simbolizar e ressignificar, não conseguem pensar no momento da dor e o mesmo acaba se perdendo e regredindo, indo direto a atuação.

De acordo com Lacan, no seminário da angústia, (1963, p. 138 e 139):

O *acting out* é, em essência, a mostraçã, a mostragem, velada, sem dúvida, mas não velada em si. Ela só é velada para nós, como sujeito do *acting out*, na medida em que isso fala, na medida em que poderia ser verdade. Ao contrário, ela é, antes, visível ao máximo, e é justamente por isso que, num certo registro, é invisível, mostrando sua causa. O essencial do que é mostrado é esse resto, é sua queda, é o que sobra nessa história.

Nesta perspectiva, para Cardoso e Savietto (2006, p. 39):

As passagens ao ato representam uma resposta elementar diante de um estado de desamparo no qual uma pulsionalidade demasiadamente forte ultrapassa os limites psíquicos de representação e ameaça à integridade egóica. Dizemos que na adolescência esse estado de desamparo é especialmente revivido em razão da ativação de novos e violentos aspectos pulsionais, desencadeada pela genitalização própria da puberdade. Observamos anteriormente que, do ponto de vista constitucional, o desamparo é inerente à subjetividade humana, em razão dos próprios limites do aparelho psíquico. Verificamos também que na adolescência, em virtude da fragilização, da incerteza e da impotência então experienciadas, o estado de desamparo é particularmente revivido.

É nesse cenário que se pode tentar compreender a atitude de Hannah. Alguns sinais, das treze razões a levaram a cometer suicídio. A personagem não tinha condições de elaborar suas dificuldades ao longo da série, a adolescente acaba levando a passagem ao ato, sendo assim, inexistência e o ato em si. Para Lacan (1963, p. 137), a “tentativa de suicídio é uma passagem ao ato”. Da mesma forma agora pode-se tentar analisar as práticas de automutilações de Skye, de não saber lidar com os seus pensamentos, de julgamentos de sua própria imagem, da gravidade do problema que essa adolescente enfrentava todos os dias, de algo que nem mesmo ela sabia expressar, apenas sabia que o ato de se mutilar, de algum modo, trazia um alívio momentâneo para sua dor. Freud (1914, p. 93), relata “que o paciente não recorda coisa alguma do que esqueceu e reprimiu, mas expressa-o pela atuação ou atua-o (*acts it out*)”.

Sendo assim, a adolescente se corta diversas vezes, não porque se recorda do que sente ao se machucar e sim porque se torna algo natural, e as vezes nem mesmo ela sabe dizer porque está repetindo essa ação. Ambas personagens, lidam com *acting out* como pedidos de ajuda, inconscientes. De alguma forma, Hannah fez quando deixou as fitas, fez muitos pedidos de ajuda e ninguém escutou. Skye também o fez, através da atuação.

Considerações Finais

A presente pesquisa teve como foco principal compreender o fenômeno da automutilação como expressão em ato da dor psíquica na adolescência. Para tanto, foram utilizadas cenas da série *Thirteen Reasons Why* (Os treze porquês) para ajudar a caracterizar dois casos dessa problemática.

Os resultados da pesquisa apontaram para reflexões acerca de como vivências intensas do período da adolescência podem ser disparadores importantes para sofrimentos importantes para sujeitos dessa faixa etária. Tais situações podem despertar o desamparo constituído a partir de falhas nas relações objetais precoces e feridas narcísicas que tornam o ego vulnerável e desprovido de recursos para enfrentar as demandas externas, ou mesmo internas.

Seguindo o fio condutor que baseou este trabalho, a hipótese inicial foi ilustrada e discutida, ou seja, o quanto o corpo pode ser o território eleito como via de expressão do sofrimento. Macedo, Gobbi e Waschburger (2009, p. 103) afirmam “eis que, por meio do excesso presente nessas marcas corporais, apresenta-se, em cada sujeito, uma singular forma de expressão, na qual se pode, respeitosamente, escutar o que não fala, mas comunica”.

Diante disso, Rosa (2009, p. 334) relata sobre importância da psicoterapia para o adolescente suicida ou em situação de autoagressão:

Aplacar os sentimentos de desamparo e solidão, aprender a colocar em palavras os sentimentos e aflições, poder simbolizar as pulsões destrutivas são aspectos que fazem parte do processo de reconstrução progressiva dos vários fatores que motivaram o ato suicida ou que levaram a concebê-lo como saída inevitável para o impasse em que o jovem se vê. Encontrar as palavras para nomear os fantasmas e desejos faz parte do trabalho de busca de um sentido ato suicida e demais condutas autodestrutivas, pois somente encarando-os de frente é que esse jovem poderá evoluir, ter uma mente mais saudável e progredir para uma vida sexual e social adulta.

Portanto, esse texto foi construído, inicialmente, através de muitas dúvidas de como este adolescente vivencia o sofrimento através da automutilação, e que tipo de sofrimento tão forte fazia com que ele se cortasse. E assim, o intuito de tentar compreender o que não se fala, mas se sente esse percurso se teceu. Não se pode negar que ele tem suas limitações, pois caracteriza-se como um trabalho provisório. Por tratar a temática da adolescência ele se mostra aberto e possível de novas interrogações, reflexões e entendimentos.

REFERÊNCIAS

ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. Adolescência e Psicopatia. **Adolescência Normal**. Porto Alegre: Artmed, 1981. p. 63-71.

ALMEIDA, F. Por que os adolescentes se automutilam? **Jornal GGN**, 2019. Disponível em: <<https://jornalgggn.com.br/artigos/por-que-os-adolescentes-se-automutilam-por-flavia-andrade-almeida/>>. Acesso em: 22 jun. 2019

BLOS, Peter. **Adolescência: uma interpretação Psicanalítica**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Perfil epidemiológico das tentativas e óbitos por suicídio no Brasil e a rede de atenção à saúde**. 2017. Disponível em: <<http://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2017/setembro/21/2017-025-Perfil-epidemiologico-das-tentativas-e-obitos-por-suicidio-no-Brasil-e-a-rede-de-atencao-a-saude.pdf>>. Acesso em: 02 jun. 2019.

BRONSTEIN, C. Trabalhando com adolescentes suicidas. **Revista de psicanálise da Sociedade Psicanalítica**. Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 279-297, 2009.

CEDARO, J. J.; NASCIMENTO, J. P. G. Dor e gozo: relatos de mulheres jovens sobre automutilações. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 203-223, ago. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-65642013000200002&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 18 jun. 2019

CENTRO DE VALORIZAÇÃO DA VIDA. **Entendendo automutilação**. 2017. Disponível em: <<https://www.cvv.org.br/?s=automutila%C3%A7%C3%A3o>>. Acesso em: 30 jun. 2019.

COUTINHO, L. G. A adolescência na contemporaneidade: ideal cultural ou sintoma social. **Pulsional Revista de Psicanálise**, v. 181, n. 3, p. 16-24, 2005.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, p. 15-41, 2006.

FLICK, U. **Introdução à Pesquisa Qualitativa: dados visuais, fotografias, filme e vídeo**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FORTES, I.; MACEDO, M. K. Automutilação na adolescência: rasuras na experiência de alteridade. **Psicogente**, Barranquilla, v. 20, n. 38, dez. 2017. Disponível em: <<http://www.scielo.org.co/scielo.php?pid=S0124-01372017000200353&script=sciabstract&tlng=pt>>. Acesso em: 12 jun. 2019.

FREUD, Sigmund. **A História do Movimento Psicanalítico, artigos sobre a Metapsicologia e outros trabalhos: Luto e melancolia**. 14. ed. Rio de Janeiro: Imago, p. 139-153, 1916.

_____. **Além do princípio do prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos: Além do princípio de prazer**. 18. ed. Rio de Janeiro: Standard, p. 3-43, 1920.

_____. **O caso Schreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos: Recordar, repetir e elaborar (novas recomendações sobre a técnica da psicanálise II)**. 12. ed. Rio de Janeiro: Imago, p. 90-97, 1914.

_____. **O ego e o ID, e outros trabalhos (1923-1925)**. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

_____. **O ego e o ID e outros trabalhos: o ego e o ID**. 19. ed. Rio de Janeiro: Standard, p. 3-40, 1923.

_____. **O ego e o ID e outros trabalhos: A negativa**. 19. ed. Rio de Janeiro: Standard, p. 139-143, 1925.

_____. **O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos:** O mal-estar na civilização. 21. ed. Rio de Janeiro: Standard, p. 38-92, 1930.

_____. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade:** Tratamento psíquico. 7. ed. Rio de Janeiro: Standard, p. 297-316, 1905.

GOBBI, A. S.; WASCHBURGER, E. M. P; MACEDO, M. M. K. Marcas corporais na adolescência: (im) possibilidades de simbolização. **Psicologia em revista**, Belo Horizonte, v. 15, n. 1, p. 90-105, abr. 2009.

_____. O Corpo na adolescência: território de enlaces e desenlaces. **Adolescência e psicanálise:** intersecções possíveis. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 127-148, 2010.

GUIDO, B. V. Automutilação: Por que as pessoas se cortam? **Blog Psicologia Viva**. 2018. Disponível em: <<https://www.psicologiaviva.com.br/blog/automutilacao/>>. Acesso em: 22 jun.2019.

HANKE, B. C.; OLIVEIRA, H. M. D. Adolescer na contemporaneidade: uma crise dentro da crise. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 295-310, ago. 2017.

JERUSALINSKY, J. **Melancolia na infância**. Café filosófico – CPFL. 2017. KLONSKY, E. D. As funções da autolesão em adultos jovens que se cortam: Esclarecendo as evidências de regulação do afeto. **Pesquisa em psiquiatria**, São Paulo, v. 166, n. 2-3, p. 260-268, 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672018000300017>. Acesso em: 10 jun. 2019.

LACAN, Jacques. **O seminário Livro 4: A teoria da falta de objeto**. 1995. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 40-59, 1957.

_____. **O seminário Livro 10: A angústia**. 2005. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 11-94, 1963.

_____. **O seminário Livro 10: Revisão do status do objeto**. 2005. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 95-162, 1963.

LEVINZON, G. K. Thirteen reasons why: suicídio em adolescentes. **Jornal de Psicanálise**, São Paulo, v. 51, n. 95, p. 297-306, nov. 2018. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/jp/v51n95/v51n95a24.pdf>>. Acesso em: 3 mar. 2020.

LEVISKY, D. L. **Adolescência: Psicanálise e História**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

MACEDO, M. M. K.; AYUB, R. C. P. A escuta da adolescente em tempos de excessos. **Adolescência e psicanálise:** intervenções possíveis. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 113-126, 2010.

MACEDO, M. M. K.; AZEVEDO, H. B.; CASTAN, J. U. Adolescência e Psicanálise. **Adolescência e psicanálise:** Intervenções possíveis. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 15-54, 2010.

_____. Tentativa de suicídio na adolescência. **Adolescência e psicanálise:** intersecções possíveis. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 153, 2010.

_____. Adolescência e psicanálise. **Adolescência e psicanálise:** intersecções possíveis. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 15-54, 2010.

MACEDO, M. M. K; WERLANG, B. S. G; FENSTERSEIFER, L. Ressignificações no processo adolescente. **Adolescência e Psicanálise:** Intervenções possíveis. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 55-71, 2010.

MARQUES, J. Cresce alerta para automutilação entre crianças e adolescentes no Brasil. **Jornal Estadão**. 2019. Disponível em: <<https://saude.estadao.com.br/noticias/geral/cresce-alerta-para-automutilacao-entre-criancas-e-adolescentes-no-brasil,70002815855>>. Acesso em: 26 jun. 2019.

MOREIRA, E. P.; YOSHIKO, K. T.; ANGELO, M. O uso de filmagem em pesquisas qualitativas. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 13, n. 5, p. 717-722, out. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692005000500016>. Acesso em: 02 jul. 2019.

PAPALIA, E. D.; OLDS, W. S. **Desenvolvimento Humano**. 7. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

RIBAS, P. **A Sexualidade na Adolescência: o seu Desenvolvimento e Possíveis Implicações para o Jovem na Atualidade**. Psicologado, [S.l.]. 2013. Disponível em: <<https://psicologado.com.br/psicologia-geral/sexualidade/a-sexualidade-na-adolescencia-o-seu-desenvolvimento-e-possiveis-implicacoes-para-o-jovem-na-atualidade>>. Acesso em: 03 mai. 2020.

ROSA, S. M. M. D. **Crianças e adolescentes em psicoterapia: a abordagem psicanalítica: Psicoterapia de adolescentes com tendência suicida**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, p. 321-336, 2009.

SANTOS, T. M. A. **A representação da depressão e do suicídio em 13 Reasons Why**. 2018. 91 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) – Curso de Bacharelado em Comunicação Social, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2018. Disponível em: <<http://bdm.unb.br/handle/10483/21897>>. Acesso em: 02 jul. 2019.

SANTROCK, J. W. **Adolescência**. Rio de Janeiro: Artmed, 2014.

SAVIETTO, B. B.; CARDOSO, M. R. Adolescência: ato e atualidade. **Revista Subjetividades**, v. 6, n. 1, p. 15-43, 2006.

THIRTEEN REASONS WHY. Brian Yorkey, produzido por Joseph Incaprera(2017), baseada no livro *Thirteen Reasons Why* de Jay Asher para a Netflix.

VERZIGNASSE, V. C.P.; TÉRZIS, A. Acting out em um grupo de adolescentes. **Vínculo Revista do NESME**, v. 5, n. 2, p. 129-149.